

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A GESTÃO ESCOLAR COMO ARTICULADORA DA
CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE PESQUISA NA ESCOLA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Rita de Cássia Pedrotti Lopes

**Sapiranga, RS, Brasil
2014**

A GESTÃO ESCOLAR COMO ARTICULADORA DA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE PESQUISA NA ESCOLA

por

Rita de Cássia Pedrotti Lopes

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof. Celso Ilgo Henz

**Sapiranga, RS, Brasil
2014**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A GESTÃO ESCOLAR COMO ARTICULADORA DA CONSTRUÇÃO
DE ESPAÇOS DE PESQUISA NA ESCOLA**

elaborada por
Rita de Cássia Pedrotti Lopes

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Celso Ilgo Henz Dr.
(Presidente/Orientador)

Ana Paula da Rosa Cristino Zimmermann MS. (UFSM)

Débora Teixeira de Mello DRA. (UFSM)

Sapiranga, 29 de novembro de 2014.

“E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me inspirado quando o cansaço de uma rotina cheia de afazeres parecia estar ganhando a batalha; mas no fim vencemos! A meus pais, Valdir e Amélia, incentivadores de todos meus projetos de vida, meus primeiros educadores que sempre acreditaram que a educação transforma a vida de uma pessoa. Ao meu companheiro de todas as horas, meu marido Jader. Obrigada por estar sempre por perto, meu amor! A Escola Municipal de Ensino Básico Alberto Santos Dumont através de seus gestores que flexibilizaram meus horários para que eu pudesse fazer as observações em outra escola. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Paul Harris por ter aceitado que eu entrasse em um lugar tão delicado e complexo como é a gestão escolar. A minha querida colega Ângela Okada pelo carinhoso empréstimo de material sobre Gestão Escolar. Foi precioso! Ao meu orientador Celso Ilgo Henz pela precisão em tranquilizar e orientar. Aos professores e gestores que participaram desse trabalho de pesquisa, a todos vocês que acreditam na Educação, muito obrigada.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A GESTÃO ESCOLAR COMO ARTICULADORA DA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE PESQUISA NA ESCOLA

AUTORA: RITA DE CÁSSIA PEDROTTI LOPES

ORIENTADOR: CELSO ILGO HENZ

Data e Local da Defesa: Sapiranga/RS, 29 de novembro de 2014.

É sabido que nos dias atuais a educação exige formas diferenciadas de ensino para que a aprendizagem seja mais dinâmica, emancipadora e significativa para os estudantes. Uma das formas de alcançar essas características se dá através do ensino pela pesquisa que, para acontecer, necessita de espaços na escola, disponibilizados pelos gestores, para que os educadores possam se encontrar para planejar projetos de pesquisa que dialoguem com os componentes curriculares que ministram. O objetivo desse estudo é verificar, através da abordagem qualitativa, na perspectiva da pesquisa participante, como espaços de pesquisa podem ser criados na escola para que os educadores possam debater e planejar projetos de pesquisa a serem trabalhados na escola. A metodologia foi articulada sob a forma de questionário, entrevistas e observações em encontros realizados pela escola para o acompanhamento dos projetos de pesquisa que são realizados. Enfim, os gestores de uma escola, para construir um trabalho pedagógico efetivo tanto para os sujeitos que ensinam, quanto para os que aprendem, devem possibilitar aos professores espaços de troca de diferentes saberes, devido as suas diferentes áreas de atuação, pois esta ação alicerça o planejamento de seus projetos de pesquisa e, ao acontecer isso, proporciona constante formação aos professores.

Palavras - chave: Espaço. Gestão. Pesquisa. Projeto.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

THE SCHOOL MANAGEMENT AS AN ARTICULATOR OF THE CONSTRUCTION OF RESEARCH SPACES IN THE SCHOOL

AUTHOR: RITA DE CÁSSIA PEDROTTI LOPES

ADVISER: CELSO ILGO HENZ

Date and Location of Defense: Sapiranga/RS, 29 de novembro de 2014.

It is known that nowadays education requires different ways of teaching so that learning is more dynamic, liberating and meaningful for students. One of the ways to achieve these characteristics is through research in education that needs to happen in school spaces, provided by the managers, so that educators can meet to plan research projects that establish a dialog with the curricular components they teach. The aim of this study is to verify, through a qualitative approach, the perspective of participatory research, as research spaces can be created in schools so that educators can discuss and plan research projects to be worked in school. The methodology was articulated in the form of questionnaires, interviews and observations in meetings held by the school to the monitoring of research projects that are carried out. Finally, the managers of a school, to build an effective pedagogical work both for the subjects they teach, as for those who learn, must be such as to enable teachers to different exchange knowledge spaces, due to their different areas of expertise, because this action is underpinned by planning their research projects and, when that happens, provides ongoing training to teachers.

Keywords: Space. Management. Research. Project.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Considerações iniciais.....	14
1.2 Objetivos.....	16
1.2.1 Objetivo geral	16
1.2.2 Objetivos específicos.....	16
1.3 Encaminhamentos Metodológicos.....	16
CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 A Gestão na Escola	19
2.2 Formação continuada, pesquisa e PPP	23
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	29
3.1 Um professor de matemática	29
3.2 O Projeto Colmeia segundo o PPP da Escola Paul Harris	31
3.2.1 Interdisciplinaridade e pesquisa	33
3.2.2 Três importantes funções: o professor orientador, o professor coordenador e o professor regente.....	37
3.2.3 A avaliação nos projetos de aprendizagem	39
3.3 O Projeto Colmeia hoje	42
3.4 A gestão como articuladora de espaços de pesquisa.....	43
3.5 A perspectiva dos professores em relação ao Projeto Colmeia	47
3.6 A perspectiva dos gestores em relação ao Projeto Colmeia	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE 1 – Autorização	58
APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	59
APÊNDICE 3 – Questionário para os professores	60
APÊNDICE 4 – Questionário para os gestores	61
APÊNDICE 5 – Grade curricular do Projeto Colmeia.....	62
APÊNDICE 6 – Imagens: FICCO, MOTIC E MOSTRATEC	63

APRESENTAÇÃO

É sabido que assim como a sociedade, a escola passa por mudanças de paradigmas e valores. Muitas vezes, se contesta se é função da escola abrigar todas essas mudanças. Porém, o que sabemos é que elas chegam à escola independente da nossa vontade. Acredito, primordialmente, que a escola é um espaço de educação formal, portanto, é essa educação que deve ser o norte na formação dos sujeitos da escola. Essa educação pode ser pensada nas melhores expectativas se um dos seus principais pilares, os professores, conseguirem interagir em espaços adequados para eles pensarem e agirem sobre sua prática.

Minha trajetória como professora começou da seguinte forma: em 2000, ingressei, através de vestibular, no curso de Licenciatura Plena em Ciências para o Ensino Fundamental e Química para o Ensino Médio na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Logo no primeiro semestre, as disciplinas experimentais atraíram-me mais ainda para a profissão de professora.

No ano de 2002, comecei a atuar como Bolsista de Extensão do GIPEC (Grupo Interdepartamental de Pesquisa sobre Educação em Ciências) um grupo de pesquisas multidisciplinares no ensino de ciências, ligado ao curso de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Atuei sob orientação das professoras Eva Terezinha Boff e Marli Dallagnon Frison na construção de materiais didáticos alternativos. Terminado esse projeto, em 2003 ingressei como BIC (Bolsista de Iniciação Científica) trabalhando junto com outros bolsistas dos cursos de Licenciatura em Biologia, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, agora dentro de uma proposta de investigação sobre a prática docente sob orientação da professora Lenir Basso Zanon. As pesquisas desenvolvidas pelo grupo focalizavam a elaboração e aplicação de materiais interdisciplinares por meio de Situações de Estudo (SE), onde, além de acompanharmos as aulas, gravávamos e aplicávamos questionários. Notadamente, percebíamos em nossas análises de resultados e conclusões a maior compreensão por parte dos alunos dos temas trabalhados e a possibilidade de inter-relacioná-los às questões cotidianas, além

disso, acompanhávamos as mudanças advindas das práticas dos professores por estarem trabalhando como uma proposta diferenciada de ensino de ciências.

Depois deste trabalho de produção de material didático, passei a participar da análise da prática desses professores que aplicavam a situação de estudo em suas aulas. Foram trabalhados os dois níveis: Ensino Básico (Fundamental e Médio) e Ensino Superior. Nas análises foram observadas diversas mudanças por parte dos professores, mesmo enfrentando dificuldades e tendo que abrir mão de certas condutas tradicionais no ensino, os professores, de forma geral, tornaram suas aulas mais dinâmicas, mas não menos complexas e ricas de significados.

Particpei do grupo até abril de 2006, quando me formei. Tive a oportunidade de participar e publicar 1 artigo completo em periódico, 1 texto em revista, 6 trabalhos completos em eventos, 19 trabalhos no formato resumo, além da participação em 31 eventos, todos na área de Ensino de Ciências.

Após o término da graduação, participei de uma seleção de contrato temporário para o Município de Boa Vista do Cadeado, na região Noroeste do Estado, na EMEF Daltro Filho. Trabalhei nesta localidade, no Ensino Fundamental, com o componente curricular de Ciências, durante seis meses.

Com o final deste contrato passei a fazer concursos para a área. Passei em todos, mas obtive a primeira chamada no município de Cruz Alta/RS. Lá permaneci de 2007 a 2010, também, trabalhando no Ensino Fundamental, com o componente curricular de Ciências na EMEF Professor Alberto Pasqualini.

Hoje, após realizar concurso público de provas e títulos, sou professora da Rede Municipal de Ensino de Sapucaia do Sul, município da região metropolitana de Porto Alegre. Ministro o componente curricular de Ciências em duas escolas:

- EMEB Alberto Santos Dumont, onde sou responsável pelas aulas no Laboratório de Ciências, atendendo estudantes de 6 a 15 anos, em média.
- EMEF Otaviano Silveira, onde sou atuante em sala de aula com 7 turmas de 6^{os} a 9^{os} anos.

Como professora, tive a necessidade de aprimorar meus conhecimentos e melhorar as minhas habilidades em outras áreas que estruturam a escola, até para que eu possa entender determinados comportamentos sociais que ocorrem dentro deste espaço tão diverso que é a escola. Então entrei em contato com o curso Especialização à Distância em Gestão Educacional da UAB/UFMS.

Foi de grande valia passar por essa oportunidade que a UAB/UFMS possibilitou, pois me estimulou buscar mais alternativas para melhorar meu trabalho como profissional, a buscar por material e a refletir sobre minha trajetória acadêmica e profissional. Deu-me energia para continuar meus estudos e acreditar cada vez mais que a Gestão é uma força poderosa dentro da escola e que pode e deve provocar mudanças profundas para construir uma educação mais significativa, tanto para nós profissionais da educação, quanto para os estudantes.

E por ter uma trajetória na pesquisa foi o que fez me identificar com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Paul Harris (E.M.E.F. Paul Harris). A escola tem no seu currículo a pesquisa como norteadora das práticas didático-pedagógicas, através de um Projeto que foi apresentado por um professor de Matemática da escola enquanto realizava seus estudos de mestrado na mesma área. Posteriormente essa história será relatada. Por enquanto ficaremos com a história da Escola Paul Harris.

A história da Escola Paul Harris inicia-se com um problema: as crianças do Bairro Santa Tereza (bairro da escola) tinham dificuldades para chegar à escola mais próxima que, neste caso, era muito distante. Tinham que atravessar os trilhos do trem, além de um vasto terreno baldio. Segundo Bertuzzi e Silva (2008), foi cedido, em 1954, um terreno particular de um morador do Bairro. A escola de, apenas uma sala, foi concluída e sua fundação foi em 24 de maio de 1954, porém com o nome de Professor Afonso Guerreiro Lima, professor muito querido na região.

Como a demanda de estudantes começou a aumentar foi necessário a construção de um novo prédio. Este agora com três salas de aula, um banheiro e uma cozinha. Nessa nova construção, a Prefeitura Municipal contou com a ajuda do Rotary Club de São Leopoldo. Como troca pela ajuda, o Rotary, solicitou que o nome da escola passasse a ser Paul Harris para prestar uma homenagem ao

fundador internacional da entidade. E formou-se assim o “Grupo Escolar Municipal Paul Harris”. A escola nova foi inaugurada em 24 de março de 1968, com 190 estudantes e funcionando nos três turnos.

Depois dessa segunda inauguração foi realizada uma espécie de força tarefa pela equipe docente e diretiva da escola que visitavam as famílias do bairro para incentivar a realização das matrículas na escola. O projeto deu tão certo que uma terceira ampliação foi necessária.

Então em 1972, a escola teve sido terceira inauguração. Novamente foi realizada a parceria Rotary Club e Prefeitura Municipal. O primeiro doou materiais de construção e a segunda mão-de-obra. Com a nova ampliação a escola detinha seis salas de aula, uma biblioteca, uma cozinha, banheiros, uma recepção e uma sala para a direção.

Em 1977, houve uma nova ampliação devido a demanda de estudantes. Novamente a parceria Rotary Club e Prefeitura Municipal foi realizada. E agora, a Escola Paul Harris passou a contar com mais duas salas de aulas.

Porém, a grande mudança ocorrida foi na década de 1990. A demanda de estudantes era tão grande que a comunidade se mobilizou e reivindicou ao poder público a construção de um novo prédio e foi isso que ocorreu. Foi utilizado o terreno em frente à escola, pois possuía uma metragem maior. Construiu-se então o atual prédio da E. M. E. F. Paul Harris. Esse novo prédio possui até elevador e uma rampa para facilitar a acessibilidade dos estudantes com necessidades especiais, pois a escola é referência para alunos com esse perfil. A inauguração dessa nova etapa aconteceu em 27 de setembro de 2002.

A Escola cresceu muito e hoje tem a seguinte estrutura: 16 salas de aula, 1 secretaria, 1 sala de direção e vice-direção, 1 sala de recursos, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 laboratório de ciências, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 sala dos professores, 1 sala para acolher o programa Mais Educação juntamente com o equipamento da Banda da Escola, 1 elevador e 1 rampa para acessibilidade.

Atualmente, através dos dados fornecidos no ano corrente de 2014, o número de estudantes no Currículo é de 351, na Área é de 312 e na EJA é de 111, totalizando

774 estudantes. Já o número de professores é de 56, sendo 47 trabalhando em sala de aula e 9 na função de gestões.

Para respeitar os sujeitos dessa presente pesquisa, no que se refere a identidade dos mesmos, foram utilizados nomes fictícios para identificá-los durante o trabalho, sendo Felipe, Rafael, Marília e Waleska professores e Tatiana, José e Deisy gestores.

Então, vamos ao trabalho!

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

A educação no Brasil evoluiu em muitos aspectos, mas é notório que ela ainda sofre com muitos problemas principalmente na Educação Básica da escola pública. Essa situação torna-se mais desconfortável, quando levamos em consideração que os espaços escolares são restritos para iniciativas que visam construir uma nova concepção de educação, principalmente, as vinculadas à pesquisa. Essa insegurança ficou evidente com o retorno, recentemente, do Ensino Politécnico no Ensino Médio no Estado do Rio Grande do Sul, pois há muita dificuldade, por parte dos docentes, em abrir mão de uma série de conteúdos estabelecidos há anos, pois a apresentação dessa nova concepção de Ensino Médio trouxe um dilema entre as tendências tradicionais de ensino e as novas concepções de pesquisa e mão de obra para o mercado de trabalho.

Embora tenham ocorrido avanços consideráveis na educação brasileira, novos métodos de pesquisa, materiais de diversas vertentes teóricas publicados, maior e melhor formação inicial dos educadores, quando se tenta alterar o currículo, avaliação, práticas escolares há um profundo desconforto por grande parte dos educadores, pois, a mudança por si só, gera várias inquietudes, principalmente a ideia de que se houver mudança o processo educacional pode dar errado. Talvez o que tenha que ser perguntado é: o modelo de educação que está em vigor dá certo?

O que essa situação de crise no Ensino Médio, tem a ver com a Educação Básica como um todo? Tudo. O grande impacto do Ensino Politécnico no Ensino Médio só torna visível a falta de uma estrutura efetiva de pesquisa na formação dos professores, e, conseqüentemente, no Ensino Fundamental, onde a ideia de pesquisa deveria ser norteadora do trabalho educativo, assim, quando chegados ao Ensino Médio, os estudantes e os próprios professores, não sentiriam tantas

dificuldades com um currículo interdisciplinar e flexível, pois o processo seria apenas uma continuidade do que já estava sendo trabalhado.

Criar espaços na escola para que haja a construção da pesquisa como método de ensino e de aprendizagem é fundamental para que haja uma escola mais atuante na sociedade contemporânea. E a área da Gestão Educacional, dentro deste contexto, é de suma importância, pois o gestor tem papel fundamental para que a concepção de pesquisa faça parte da estrutura da escola. É o gestor, junto com sua equipe diretiva, composta por orientadores e supervisores, que autoriza a utilização do espaço escolar para que ocorra a execução de qualquer projeto, inclusive o de pesquisa e espaços de planejamento da mesma.

Assim, a escolha deste tema justifica-se pela falta de segurança que os educadores possuem ao trabalhar com pesquisa em sala de aula e isso, provavelmente, se deve a falta de formação com esse propósito nas universidades, mas que isso não sirva de pretexto para que a pesquisa não seja implementada na escola.

Esse foi o impulso maior para a elaboração deste trabalho que, modestamente, tentará contribuir para o entendimento de que é possível atrelar pesquisa e um currículo fundamentado em conteúdos dos componentes curriculares específicos, porém sem deixar de problematizar que a escola é um espaço de reflexão, mas acima de tudo, um espaço de transformação social, pois segundo Carr e Kemmis *apud* Molina e Garrido (2010, p.2):

[...] os projetos de intervenção que visam à mudança curricular, além de terem inteligibilidade e significado para os participantes, precisam estar articulados a processos de mudança na cultura escolar, tornando as relações sociais na escola mais democráticas e participativas.

Assim, para construirmos uma escola para todos, precisamos repensar a estrutura das nossas escolas, não apenas física (não menos importante), mas também curricularmente. Inserir processos que articulem os conhecimentos dos

estudantes com os conhecimentos construídos por homens e mulheres que formam essa sociedade e que contribuíram para o crescimento da mesma, é fundamental. Porém, para que essa ambição tenha êxito é necessário fornecer aos professores condições ambientais e temporais de planejamento com seus pares.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar e compreender a ideia de que a organização do espaço escolar em uma escola da rede municipal de ensino fundamental do município de São Leopoldo é imprescindível para que ocorra o processo de pesquisa na escola e que os gestores são os grandes articuladores da manutenção desse espaço.

1.2.2 Objetivos específicos

1. Ratificar a ideia da organização da grade de horários isonômica dos educadores
2. Analisar a importância dos momentos de encontros entre os educadores para o planejamento do Projeto na escola.
3. Investigar os benefícios que mostras do projeto podem trazer para o mesmo.

1.3 Encaminhamentos Metodológicos

A presente investigação foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paul Harris, da rede pública municipal da cidade de São Leopoldo, RS.

Foi realizado um estudo de caso qualitativo de caráter participante, onde estão registradas informações e análises sobre as possibilidades que a gestão escolar encontra para articular espaços de pesquisa na escola.

Esses estudos foram realizados observando um grupo docente que realiza o desenvolvimento de um projeto didático-pedagógico nesta escola. Este projeto trabalha a interdisciplinaridade dentro de temas de pesquisa que são escolhidos pelos estudantes.

Frente a isso coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Quais ações e atribuições a gestão escolar deve articular em uma escola de rede pública municipal de São Leopoldo, para que haja a construção de espaços de pesquisa na escola?

Para responder a referente questão, foram realizados questionários e entrevistas com professores, direção e supervisão pedagógica da escola. Os questionários são possibilidades que os professores tiveram para que se sintam mais confortáveis em responder dúvidas e provocações realizadas, colocando seu ponto de vista tanto a favor como contra o projeto.

As entrevistas, por sua vez, são importantes para ter um contato direto com os sujeitos do processo e, assim, visualizar o que os empolga efetivamente e o que os faz ter dúvidas sobre o próprio trabalho e, dessa forma, identificar brechas onde uma intervenção de um agente externo possa ser conveniente.

Além das entrevistas e questionários foram realizadas observações durante aulas onde acontecia o desenvolvimento de projeto de pesquisa organizados dentro de um Programa de Pesquisa da Escola denominado Projeto Colmeia. A observação se faz necessária para que se entenda o processo de construção coletiva dos saberes inerentes ao processo, isso considerando os encontros dos professores assim como as próprias aulas.

Foram também observados encontros de planejamento deste mesmo projeto que acontecem todas as quintas-feiras dos meses, pela manhã e tarde, porém apenas pela manhã houve observação devido a disponibilidade de tempo. Essas

observações consistiam em verificar como se davam o andamento do processo de pesquisa em nível de Educação Fundamental e como os professores se articulavam dentro dessa proposta em um espaço organizado pela gestão da escola.

Essa pesquisa teve aporte teórico através de investigação bibliográfica através de leituras de livros, artigos, revistas e textos presentes nos componentes curriculares do curso de Gestão Educacional. Esse material está relacionado ao tema principal e aos periféricos.

CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Gestão na Escola

Educação e modelo industrial tem uma aproximação pujante há muito tempo. “Industrializar” a educação, preparar mão de obra para o mercado de trabalho, principalmente se for a baixo custo, sempre esteve presente em políticas educacionais.

E essa ideia foi durante décadas corroborada quando se instituiu modelos de administração empresarial para gerir escolas. Os modelos administrativos de Taylor e Ford foram utilizados como modelos de administração de escolas. O questionável nesses modelos é a forma que se dá a relação do trabalho: há um patrão que manda e um operário que obedece.

A produção em massa de bens e serviços é um presente das Revoluções Industriais pelas quais nossa sociedade passou. Entretanto, com que qualidade esse presente foi confeccionada é o que podemos refletir principalmente no que se refere à educação.

Se pensarmos nos modelos mais tradicionais que regulam a indústria mundial, veremos que eles não são distantes dos paradigmas que regulam a educação.

Para entender como ideias da administração clássica adentraram a escola é importante conhecer basicamente como essas concepções se estruturam.

Segundo Fontana (2013) a concepção taylorista criada por Frederick Taylor, no final do século XIX, nos Estados Unidos, trouxe a ideia de participação dos lucros da empresa para os empregados, a princípio uma ideia prodigiosa frente às condições de trabalho precárias, porém, em contrapartida, houve aumento de horas trabalhadas, ou seja, Taylor oficializou a ideia de lucro a baixo custo e alta produtividade.

Fontana (2013) ainda nos traz ideias do funcionamento de todas as etapas do modelo do fordismo que apresentou-se como um modelo que buscava a produção em alta escala e tinha a divisão do trabalho, apenas, como parte da engrenagem de uma de suas máquinas da linha de montagem.

O fordismo, segundo o autor, contribuiu para racionalizar e fazer a divisão do trabalho, além de instituir a produção em massa. A formalização, o planejamento, a mudança funcional, a objetivação, a concentração e a centralização também foram conceitos construídos dentro dessa teoria para administração das ascendentes empresas.

No neofordismo encontravam-se elementos diferenciados. Havia um incremento na inovação tecnológica e na produção, porém a organização do trabalho ainda continuava fragmentada.

Com o pós-fordismo toma-se corpo uma grande mudança no setor de produção, pois além da variabilidade na fabricação de produtos, agregou-se a inovação tecnologia e a divisão do trabalho tornou-se mais dinâmica, pois a força de trabalho, ou seja, os trabalhadores deveriam receber melhor qualificação e assim serem capazes de tomar decisões.

Como todo modelo que é literalmente copiado, tentou-se fazer adaptações para que a escola assumisse um papel de empresa que não lhe pertence e, com isso, saturaram a relação entre gestão e pedagogia. Muitos gestores tornaram-se apenas o “patrão” carrasco que exige o cumprimento de metas e, os professores, os operários que devem alcançar as metas estabelecidas sem, necessariamente, cumprir com o quesito qualidade. Assim, ficou claro que esses modelos administrativos não servem para a educação.

Se tivermos o pensamento prático que a administração nos propõe, a escola é uma empresa e poderia ser administrada como tal. Mas não! A escola não é uma empresa, embora haja empresários neste ramo querendo vender esta ideia e, por consequência, esquecem que na educação as especificidades são outras, não é lucro ou produção e, sim, a formação de pessoas.

A autonomia administrativa, financeira e pedagógica da escola, pensando nessa como esfera pública, já havia sido posta quando, na Constituição Federal (CF) de 1988, falou-se em gestão democrática e foi corroborada no artigo 15 da Lei 9394/96 como mostram Pereira e Kirch (1999, p. 51). Porém, o que se percebe na realidade é que ainda há muitos entraves na escola que impossibilitam a fluência da gestão escolar democrática, como resquício de um modelo de escola que é visto como uma empresa tradicional. Provavelmente essa visão se deva ao que Lück dita como “modelo de administração clássica, que enfatizava a obediência cega às regras e o cumprimento, à risca dos regulamentos.”. (2000, p. 87).

A Escola é a menor parte do Sistema Educacional, porém é ela que está na linha de frente para aplicar e ser avaliada no que se refere às políticas públicas, assim como, espaço de formação, mas com o advento da CF de 1988, solicitando uma gestão democrática dos entes públicos e suas instituições, a escola teve que assumir um papel de formadora para si, formando profissionais mais capacitados para poder administrar esta nova escola que apresenta maior autonomia e flexibilidade.

Modelos como o taylorista e o fordismo representam um entrave na escola porque não a representam mais, não atendem as suas múltiplas necessidades, são antagônicos em relação a essa nova escola que necessita da gestão democrática. Enquanto o fordismo e o taylorismo defende a centralização e a obediência de ordens, a gestão democrática propõe que a própria escola procure construir soluções para seus problemas embasados nas suas concepções políticas e pedagógicas e não em modelos tão distintos e externos à realidade da escola, pois

Com base no modelo taylorista, pelo qual se dividem as funções de concepção e de execução do trabalho, a organização escolar, efetivamente, distanciou-se do cumprimento da função social da escola, despreocupando-se com integração das pessoas, envolvidas no processo educativo, por que, neste modelo de gestão as decisões são provenientes de órgãos superiores, não tendo sua base na escola ou em uma proposta política da escola. (PEREIRA; KIRCH, 1999, p. 59).

Neste contexto é fundamental a formação continuada para que professores tornem-se professores-gestores, pois o professor deve ser preparado para assumir tamanha responsabilidade e principalmente para não esquecer que ainda é um profissional da educação e não um mero administrador e que a prioridade de uma escola são suas relações didático-pedagógicas e não a burocracia administrativa.

Corroborando com a ideia de despreparo que muitos gestores apresentam, Castro e Souza (1999), mostram com seus estudos posições claramente contrárias a gestão democrática apresentados em entrevistas de profissionais de SME (Secretarias Municipais de Educação) do interior do Estado como mostrado na fala a seguir:

... eu posso ser radical em dizer,... a bendita eleição desestruturou o sistema,... tu te comprometes com as pessoas,... tu estas comprometida com aquele povo que te elegeru,... tu tens que trabalhar de acordo como eles querem, então, por exemplo, planejamento os superiores não gostam, elas não cobram, o diretor não sabe o que tem que cobrar... (p. 16).

Evidentemente que o sujeito que fez esse discurso está imerso em uma ideia de gestão onde há quem manda e aquele que obedece. Fazer com que esta ideia seja quebrada é um dos grandes desafios que a formação continuada na escola deve trabalhar proporcionando espaços para que seus sujeitos (estudantes, professores, equipe diretiva e pedagógica) quebrem esse ciclo e efetivamente construam valores como a participação, a igualdade e a democrática.

Entretanto, para a construção dos valores citados anteriormente, se faz necessário um planejamento coerente dentro da escola. O PPP é o indicativo de como a escola incorpora o planejamento das ações pensadas para o sistema de ensino e para a própria escola. Segundo Ferreira (2009) o sistema de ensino se responsabiliza pelas leis, pareceres, políticas públicas para a educação e a escola encarrega-se de, através do seu PPP, articular os planos de ensino, o currículo, a comunidade escolar e as determinações legais do sistema de ensino.

Apesar de ter alguns atributos legais, ao elaborar o PPP, a escola não pode deixar de considerar as especificidades de sua comunidade, por isso a importância da elaboração coletiva do PPP escutando professores, estudantes, funcionários e a comunidade escolar como traz Ferreira (2009, p.5) sobre a “revisão contínua [do PPP] visando sempre à definição da identidade da escola, identificação e delimitação das relações de poder que compõem o ambiente escolar”.

A ação de construir um PPP privilegiando a escuta de todos os pares que constituem a escola, talvez seja o mais efetivo exercício de uma gestão democrática dentro da escola, não apenas no que tange a ação política, mas também a pedagógica, concretizando assim um ensino que parte da vivência daquela comunidade escolar.

A Gestão Educacional, representada na escola como Gestão Escolar, tem papel fundamental para planejar, organizar e articular diversos espaços na escola, para que essa seja realmente democrática e diversa. Optar por estruturar um Currículo fundamentado pela pesquisa e que promova espaços de formação para os professores não é uma decisão fácil para a Gestão, mas é essencial nos tempos em que vivemos: imersos em uma sociedade multiculturalizada e tecnológica. Essas ações para tornarem-se aceitas pela comunidade escolar e, em todas as esferas administrativas, devem estar presentes no Projeto Pedagógico e Político da Escola, para que se confirmem como ações institucionalizadas na mesma, para não serem apenas parte da escola, mas que sejam a própria Escola.

2.2 Formação continuada, pesquisa e PPP

A ideia da formação continuada corrobora com outra ideia de que nunca um profissional está plenamente formado. Tratando-se da educação, que trabalha diretamente com o conhecimento, esse pensamento torna-se fundamental para o exercício do magistério. A proposta de trazer a formação para escola e a esta ser espaço de formação para seus professores é um ganho representativo, pois é neste

espaço que se presencia e se vivencia os pontos positivos, mas também os penderos que necessitam ser reestruturados dentro da relação ensino-aprendizagem.

Entretanto, a ideia de formação continuada não deve ser restrita ao grupo de docentes que está em sala de aula. A formação deve ser também para os docentes que estão gestores na escola e ainda tem o dever de formar os próximos que se encarregarão deste trabalho.

Isso indica que a formação do profissional da administração da educação está, diretamente, ligada à formação do professor, para o que devem estar atentos os cursos de formação, no sentido de favorecer a este profissional, não só condições de bem desempenhar as funções pedagógicas, como também de assumir o compromisso político de participação das decisões da escola. (PEREIRA; KIRCH, 1999, p. 56).

A ideia de que o gestor de escola deve se enxergar ainda professor está bem presente na citação anterior, pois é recorrente na escola encontrar profissionais que se afastaram do seu fazer primeiro que é de ser professor. Um professor torna-se um gestor e sendo, uma vez gestor, não deixa de ser professor.

O espaço para formação continuada é tão precioso dentro da escola que possibilita avanços em todas as áreas de atuação da mesma. Pode formar o indivíduo professor fomentando seus conhecimentos, quanto pode formar o possível gestor, mas, sobretudo, pode formar o professor para a pesquisa para que possa multiplicar essa entre seus estudantes.

A ideia de um professor-pesquisador não vem de hoje. Stenhouse (1975 apud Lüdke e Cruz, 2005, p.87) já trazia alguns pontos pertinentes sobre o assunto.

Para Stenhouse, a pesquisa deveria ser a base do ensino dos professores, tendo como foco central o currículo, uma vez que é por seu intermédio que se transmite o conhecimento na escola. De acordo com o que propunha Stenhouse, as reformas precisariam incluir em seu interior o desenvolvimento profissional dos professores como pesquisadores de suas próprias práticas, que fazem de suas salas de aula típicos laboratórios de ensino.

É notório na colocação de Stenhouse (1975) de que a sala de aula é um laboratório de pesquisa nato. Mas, para que ela se consolide como tal é necessária uma mudança na estrutura do currículo. Essas mudanças devem se configurar necessárias também nos âmbito político e pedagógico. O professor pesquisador deve ser formado para tal e continuar essa formação ao longo de sua trajetória profissional. Aí a necessidade das formações continuadas na escola. E aqui se faz fundamental um novo pensamento sobre como o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola deve ser reestruturado.

É no PPP da Escola que deve constar a presença de um espaço, não apenas físico, mas também temporal dedicado à formação dos professores. Fazer pesquisa demanda tempo e planejamento. Não há como mudar a prática dos professores sem destinar esses recursos aos mesmos. Por isso, a ideia de um PPP organizado e consolidado deve ser primordial para uma escola.

O projeto pedagógico não é modismo e nem é documento para ficar engavetado em uma mesa na sala de direção da escola, ele transcende o simples agrupamento de planos de ensino e atividades diversificadas, pois é um instrumento do trabalho que indica rumo, direção e construído com a participação de todos os profissionais da instituição. (KERBER, 2013, p. 22).

A formação continuada remete a continuidade de uma formação anterior, ou seja, a formação inicial. Kerber (2013, p. 26) traz a ideia de que “muitos têm a noção que a formação continuada limita-se a participar de seminários, cursos, eventos, palestras...”. Porém isso não é suficiente. A formação continuada tem que fazer parte da trajetória profissional, assim como, os professores planejam as aulas trabalhadas com seus estudantes, devem planejar sua formação, tornar isso corriqueiro em sua vida profissional.

Entretanto, a formação continuada não deve ser uma ação de formação extra-escola. A própria escola, através dos seus gestores, deve planejar e articular momentos sistemáticos de formação para o professor. Esses momentos devem ser dinâmicos envolvendo as equipes docente, pedagógica e diretiva. Libânio (2009, p. 11) chama essas práticas de formação de “desenvolvimento pessoal e profissional

do pessoal da escola: grupos de estudo, projetos de trabalho, encontros pedagógicos para troca de ideias e experiências [...]”.

Manter a formação continuada na escola possibilita a construção de novas concepções de práticas docentes para os sujeitos ali envolvidos. E exercitar a prática pela pesquisa é uma das formas mais enriquecedoras de aprender e de ensinar. Mas esse tipo de prática demanda planejamento, tempo e espaço para que os professores possam se encontrar e discutir sobre esse tipo de organização.

Para pensar em pesquisa na escola é necessário pensar a escola dentro de uma perspectiva interdisciplinar, considerando os saberes construídos nas vivências sociais de quem aprende e de quem ensina, segundo Maldaner (2004, p. 58). Essa escola que quer se reestruturar deve considerar que os sujeitos inseridos nela são imbuídos de cultura própria e que essa se renova nas interações sociais, nas diferentes ideias, no modo de conceber a escola e as práticas da mesma. Então, para que haja o encontro entre esses profissionais se faz necessário que a escola disponibilize espaço. Segundo Zanon (2004, p. 187) é evidenciado que o processo de ensino-aprendizagem ocorre em condição não-simétrica de interação, ou seja, o estudante aprende porque há alguém com um conhecimento, em uma determinada área, mais elaborado em relação ao dele. Por isso, o espaço destinado aos educadores para que elaborem projetos de pesquisa na escola, para que possam trabalhar com seus estudantes, é fundamental, pois o conhecimento só faz sentido quando ele traz significado e emancipa os sujeitos que o constroem.

A interdisciplinaridade é essencial na pesquisa escolar, pois “no trabalho interdisciplinar deve haver uma intencionalidade que una os saberes, que permeie a realidade com significados e valores para estimular uma visão sistêmica.” (SOUZA, 2004, p. 113.). Visão sistêmica que compreenda que a construção coletiva é estruturante para a escola de hoje e que essa construção passa pelas áreas do conhecimento que precisam de espaços, dentro da escola, para debates, criações, discordâncias, enfim, tudo que viabilize a organização de uma educação cheia de significados e não apenas de fórmulas porque “é preciso efetivamente recompor o todo para conhecer as partes.” (MORIN, 2005, P. 37). Portanto, a pesquisa na

escola é viável, quando as áreas do conhecimento se encontram, para construir suas metas dentro no que ensinam e, só depois deste momento, é que os componentes curriculares fazem sentido.

Para que haja a interdisciplinaridade é necessária a compreensão onde se deve pensar um novo currículo. Libânio (2009) traz um termo interessante o *Projeto-Curricular* fazendo uma alusão ao Projeto Político Pedagógico. Para elaborar o projeto-curricular se faz necessário saber as realidades dos estudantes e quais fatores sociais as equipes docente, pedagógica e diretiva deverão priorizar no trabalho em sala de aula. O próprio Libânio (2009) sugere uma interrogativa “em que comportamentos cognitivos, afetivos, físicos, morais, estéticos, etc., queremos intervir, de forma a produzir mudanças qualitativas no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos?”.

Essa é uma questão importantíssima dentro da conjuntura educacional que temos, pois recebemos alunos diversos em uma escola que deve ser igualitária. Sendo assim, educar pela pesquisa confere uma condição de acessibilidade para todos, pois se deve primeiro procurar saber a origem do estudante, o que ele sabe e aonde ele quer chegar.

Neste cenário é que se torna relevante adotar formas de gestões que atendem a escola de hoje construindo práticas distintas, que sejam baseadas no encontro com os colegas, para o planejamento do andar da prática docente, desde sua implementação até sua avaliação, para que assim, a pesquisa seja um tirocínio que realmente possibilite a constituição de um estudante que possa vincular o que aprende no espaço escolar com o que vive em seu cotidiano, para que não ocorra o que disse Bachelard em “[...] dá-se ao signo mais importância do que a coisa significada; a física, em particular, encontrou na matemática uma linguagem que se desliga com facilidade de sua base experimental e, por assim dizer, pensa sozinha.” (2004, p. 14). O conteúdo não pode ser maior do que a sensibilidade que ele pode construir ao ser aprendido. Essa situação pode ser evitada quando a prioridade no ensino é a criação de pontes entre o que é ensinado e a leitura de mundo que esse ensino provoca. Esse caminho é mais viável de percorrer através da pesquisa escolar.

Reconciliar a Escola com a Educação não é uma tarefa fácil, apesar de soar redundante. Durante décadas técnicas administrativas foram utilizadas para administrar a escola. Vimos que elas não servem mais para a escola que queremos.

Esta nova Escola exige uma gestão participativa e democrática. Para colocar em prática esse tipo de gestão é necessário que no cotidiano da escola a prática docente mude, não apenas a pedagógica, mas também a gestora. Essa nova gestão escolar deve ser inovadora possibilitando aos docentes momentos reais de planejamento e partilha entre os colegas, para que essa forma de construção do conhecimento possa invadir de forma pacífica, porém intencional a sala de aula para que as aprendizagens sejam significativas e relevantes.

Todas essas novas abordagens e novos acordos devem constar no PPP da escola, para que este não seja um mero livro que enfeita a estante da Direção e, sim, um Plano de construção coletiva que seja a identidade da Escola, e que enfim institucionalize a pesquisa e a formação continuada nesse espaço tão diverso e cheio de potencialidades que é a Escola.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

3.1 Um professor de matemática...

A história a ser contada poderia ter sido tecida por qualquer um de nós professores e professoras que acreditam em uma educação mais proveitosa e duradoura do que uma mensagem no *WhatsApp*.

Quando escolhi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Paul Harris (Escola Paul Harris) para realizar esse trabalho já havia acompanhado um pouco do trabalho didático e pedagógico voltado para projetos de aprendizagem, por ter trabalhado no Projeto do Governo Federal Mais Educação, por participar de eventos de formação e a convite para ser avaliadora externa dos projetos de aprendizagem quando apresentados pelos estudantes.

Mas esse preâmbulo foi necessário para apresentar como um projeto de mestrado transformou projetos de aprendizagem em um programa de pesquisa dentro de uma escola municipal e pública do município de São Leopoldo.

O personagem é o professor Felipe que ao realizar estudos sobre sua área de formação através de um curso de mestrado concretizou o que Mattos (2010), diz ser seu próprio sonho

Esteve sempre presente em mim a intenção de fortalecer – ainda mais – o vínculo da área de matemática com a prática de Projetos de Aprendizagem e o sonho em participar – um dia – da reestruturação de uma escola e da construção de um currículo guiado pela investigação como estratégia pedagógica. (p. 6).

Enquanto realizava seu trabalho de campo com uma das turmas que ministrava na Escola Paul Harris é que Felipe foi possibilitando que um novo

currículo se desenhasse nesta mesma escola.

Provavelmente Felipe se deparava com um ensino totalmente alienado do desejo do estudante. Um saber que não estabelecia vínculo com o cotidiano deste mesmo estudante, uma escola maçante que não se preocupa com o esgotamento de saberes já preestabelecidos há década e que exauri estudantes e professores sem respeitar seus anseios, suas vivências e principalmente as inteligências que lhes são mais propensas, pois as pessoas segundo Gardner (2014, p. 24) “possuem diferentes estruturas motivacionais e cognitivas para assimilar noções e conceitos”.

A proposta que Felipe traz para a escola é um anseio de muito professores que identificam que o modelo de ensino empregado em geral na educação brasileira não serve mais para essas novas gerações e procuram “escapar da coisificação do objeto de estudo, fato costumeiro em propostas de ensino disciplinares” (Mattos, 2010, p. 40). Ao mesmo tempo, a proposta de Felipe, indica uma mudança radical na organização da escola, mudança essa trabalhosa, que necessita de muito planejamento e organização, porém, absolutamente possível.

Ao sugerir que a educação na escola se dê através de Projetos de Aprendizagem, Felipe propõe que o estudante, sempre orientado por um professor, “tome as rédeas da sua aprendizagem e assuma o papel de autor na construção do seu conhecimento” (Mattos, 2010, p. 41), dessa forma, o conhecimento para o estudante torna-se mais significativo fazendo sentido no seu cotidiano.

A organização do Projeto de Aprendizagem sugerida por Felipe, resumidamente, desenha-se da seguinte maneira:

- dentro de uma turma, formam-se grupos de pesquisa;
- escolhe-se o professor orientador das pesquisas;
- realizam-se várias perguntas iniciais e posteriormente uma única que norteará o trabalho;
- os conteúdos dos componentes curriculares serão articulados de acordo com a necessidade da pesquisa dos estudantes;

- durante a pesquisa se ocorrem dúvidas muito específicas, onde o professor orientador não as supre mais, é chamado um professor especialista, ou seja, o professor com formação em uma área específica.

Com esses passos, em 2008, a Escola Paul Harris começou a colocar em prática a proposta de Felipe, com apoio de uma colega da área das Artes, a professora Waleska. A Escola, então, passou a trabalhar com Projetos de Aprendizagem. Em 2009 houve uma profunda reestruturação do currículo da Escola passando esse a ser isonômico e possibilitando a flexibilização das disciplinas que passaram a ser oferecidas à tarde (Educação Física e Ensino Religioso). E em 2010, o programa de pesquisa institucionaliza pela escola passa a ter nome: Projeto Colmeia.

3.2 O Projeto Colmeia segundo o PPP da Escola Paul Harris

As escritas dos subcapítulos 3.2 e 3.3 baseiam-se no texto de normatização do Projeto Colmeia dentro do Projeto Político Pedagógico da E. M. E.F. Paul Harris. O texto foi elaborado pelas professoras Elis Regina Andrade Xavier e Renata Schramm Lanfermann, ambas atuais Professoras Coordenadoras do Projeto Colmeia.

O nome Colmeia não é por acaso. E ele foi escolhido pela Escola Paul Harris em 2010. Porém, mais do que um nome, Colmeia traz consigo uma história. A logomarca da escola é uma abelha. O símbolo é tão forte na escola que na entrada da mesma há um jardim onde uma colmeia de abelhas (inofensivas) é cultivada para dar às boas-vindas a quem chega e deixar presente a ideia de que

o Projeto Colmeia estabelece uma relação simbólica entre as características dessa comunidade de abelhas, tidas como exemplo de trabalho em equipe e cooperação para a construção de algo maior e melhor para todas. (XAVIER; LANFERMANN, 2013, s/p).

Com o início dos Projetos de Aprendizagens na Escola Paul Harris foi iniciada uma transformação que ultrapassou as paredes da sala de aula. Foram realizadas várias mudanças na escola para que fosse possível estruturar essa nova configuração do currículo “que deve pensar a aprendizagem não apenas na dimensão individual, mas de maneira coletiva” (XAVIER; LANFERMANN, 2013, s/p).

Uma das etapas foi construir espaços de debates e sensibilização dos professores sobre a necessidade de uma mudança no currículo da escola, até porque, havia na mesma, um colega, o professor Felipe, trazendo uma proposta inovadora e disposto a trabalhá-la com os estudantes.

Sobre esse assunto, a sensibilização dos professores, para uma nova prática didático-pedagógica, a diretora da época da implantação desse currículo embasado em projetos de aprendizagem pronunciou-se através de uma entrevista. Marília comenta o seguinte:

Quando Felipe nos fez a proposta, achei muito interessante, pois nunca fui uma professora que se acomodou; gosto de coisas diferentes. Então começamos a implementar o Projeto. E professores novos foram chegando. Quando chegavam à escola eu já perguntava: ‘tu gostas de trabalhar com pesquisa em sala de aula? Nosso currículo, aqui na escola, funciona assim. Tu queres realmente trabalhar aqui? Senão podes escolher outra escola’. Essa atitude era necessária, para que os professores compreendessem que realmente o currículo da escola estava mudando. (2014).

Acrescenta-se que mais do que um currículo sendo transformado, a escola estava sendo transformada. Não era apenas o acréscimo de uma disciplina chamada “Projeto de Aprendizagem” e sim uma mudança na concepção de ensino e de aprendizagem que dependia de uma mudança de prática por parte do corpo docente.

Essa mudança na organização do currículo privilegia positivamente questões que são consideradas há algum tempo, como a aptidão para aprendizagem em determinadas áreas, o que gerou preconceitos históricos em relação aos estudantes como: a criança que gosta de desenhar e pintar não gosta de estudar. A que adora Educação Física vai se tornar um fracasso na Matemática. Para Gardner (2014, p.

16) não é possível conceber essa ideia, pois esse autor defende que “habilidade, talentos e criatividade relacionam-se com inteligência e apresenta a ideia de que os humanos são capazes de desenvolver inúmeras inteligências”.

Nessa nova concepção que traz o Projeto Colmeia, nenhuma disciplina recebe um acréscimo de carga horária porque é considerada mais importante do que outras, cita-se Matemática e Língua Portuguesa, por exemplo, pois durante décadas obtiveram destaque nesta questão. A prioridade dessas duas disciplinas era presente no currículo da Escola Paul Harris antes dos Projetos de Aprendizagem e ainda é em muitas outras escolas.

Sobre isso, Marília também comenta, pois para mudar esse privilégio de determinadas disciplinas teve que buscar recursos humanos diretamente na mantenedora, a Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Segundo o seu relato, Marília expos sobre os Projetos de Aprendizagem que a escola estava colocando em prática e para isso necessitava reconstruir a grade curricular da escola com a admissão de novos professores, pois haveria a necessidade de contra turno, já que agora as disciplinas teriam a mesma carga horária.

Foi com muito entusiasmo que Marília recebeu a notícia positiva de que a mantenedora apoiaria o projeto e deslocaria mais recursos humanos para a escola para suprir essa nova demanda.

3.2.1 Interdisciplinaridade e pesquisa

Um dos pontos altos do Projeto Colmeia é a interdisciplinaridade. Em Ferreira (2010, p. 433) o termo interdisciplinar faz a indicação de algo que é “comum a 2 ou mais campos disciplinares inter-relacionados”. Porém, sabemos que um currículo fundamentado no princípio da interdisciplinaridade, quando praticado na escola, constrói conhecimentos que ultrapassam a definição do termo.

A Escola Paul Harris, ao reestruturar seu currículo, preocupou-se primeiro em saber qual era a realidade de seus estudantes. Ao descobrir suas curiosidades, anseios, dúvidas, passou a propor-lhes uma nova alternativa educativa para sanar seus questionamentos.

Para realizar isso, o grupo se lançou no caminho da pesquisa “que busca na interdisciplinaridade uma possibilidade para transformar uma estrutura que legitima a fragmentação e o corte disciplinar” (SOUZA, 2004, p. 126) e, dessa maneira, se convergiu o entrelaçamento de vários campos do conhecimento o que tornou esse, quando construído pelo estudante, mais dinâmico e significativo para sua vida.

Porém, a interdisciplinaridade não se esgota em si. Na verdade ela é uma das etapas do caminho. Como prevê Xavier e Lanfermann (2013, s/p)

[...] as relações entre as disciplinas podem estar em três níveis: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Na multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si [...]. Na interdisciplinaridade estabelecemos uma interação entre duas ou mais disciplinas [...]. O ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e mitológicas compartilhadas por várias disciplinas. Na transdisciplinaridade, a cooperação entre as várias matérias é tanta, que não dá mais para separá-las: acaba surgindo uma nova ‘macro disciplina’.

Pelas observações e leituras dos documentos da Escola é possível perceber que a Escola ainda não chegou ao patamar da transdisciplinaridade, mas sem dúvidas, realiza um potencial trabalho interdisciplinar.

Com toda essa preparação, no ano de 2009, a Escola instituiu os primórdios do que viria a ser o Projeto Colmeia. Essa proposta de ensino-aprendizagem era chamada simplesmente Projeto. Neste, assim como no Projeto Colmeia, havia um dia específico, quinta-feira, para o desenvolvimento das pesquisas dos grupos de estudantes que são denominados Projetos de Aprendizagem. Não há disciplinas

específicas neste dia. Os estudantes dedicam-se apenas aos projetos de aprendizagem que estão sendo realizadas.

Para realizar os Projetos de Aprendizagem os estudantes podem trazer seu próprio material, fazer pesquisas dirigidas na biblioteca ou no laboratório de informática da escola. Além disso, os professores orientador e regente podem fornecer materiais aos estudantes de acordo com as demandas das pesquisas. Os estudantes são liberados para trazer seus computadores portáteis com acesso à internet no dia em que realizam as pesquisas.

Durante o acompanhamento as aulas de quinta-feira foi perceptível o rigor científico na condução dos trabalhos no dia do desenvolvimento do Projeto de Aprendizagem. No quadro já havia um acompanhamento de quais atividades seriam realizadas naquela manhã. Foram repassados diversas vezes os critérios de um trabalho científico, principalmente no que tange a questão de referências, deixando claro, por parte da professora, que copiar trabalho ou trechos do mesmo sem referenciá-lo é crime. Nada mais compreensível para uma escola que almeja voos altos dentro da pesquisa científica.

Os projetos de aprendizagem são estruturados a partir de uma nova dinâmica de “enturmação”. A formação da turma dos dias “normais” de aula não é a mesma do dia em que se trabalham os projetos de aprendizagem. Assim, “os alunos são reunidos em turmas mistas – agrupados por interesses – proporcionando trocas de experiências e conhecimentos entre estudantes de idades e séries diferentes”. (XAVIER; LANFERMANN, 2013, s/p).

O tipo de organização descrita anteriormente enriquece as relações entre os sujeitos e seus iguais, assim como, os seus diferentes. Para a educação isso é um ganho sem precedentes, pois temos diferenças sendo respeitadas e conhecimentos sendo potencializados. Ao voltar para a sala de aula formal, o conhecimento construído no momento do projeto pode ser resgato e ganhar novos significados, através da prática do professor especialista.

Dessa forma, outro dos paradigmas, tradicionalmente aceito na educação é confrontado, visto que, quando essas descobertas refluem à sala de aula, necessariamente não respeitam a linearidade de conteúdos. Eles são vistos à medida que vão surgindo dentro das pesquisas dos alunos. (XAVIER; LANFERMANN, 2013, s/p).

É então com o professor especialista que a disciplina torna a ter importância, pois agora ela não está mais isolada e se comunica com várias outras áreas do conhecimento que estavam presentes durante as discussões e pesquisas dos projetos de aprendizagem.

Além disso, os Projetos de Aprendizagem realizados pelos estudantes tem uma característica marcante que é a relação que os estudantes devem realizar com outras áreas do conhecimento. Por exemplo, em um Projeto onde o assunto é Alimentação, em um primeiro momento, relacionamos o assunto com Ciências. Porém, o assunto alimentação pode circular em várias disciplinas como História analisando a passagem do Homem que produzia para sua subsistência e, agora, um Homem que produz excedente para a comercialização; em Geografia pode ser vista a questão de áreas de grande produção de alimentos, o que gera degradação do meio ambiente e áreas de baixíssima produção e de grande miséria. E assim por diante.

E nessa situação é interessante retomar a ideia do professor especialista, pois o Projeto de Aprendizagem pode se expandir muito, então é neste momento que um caminho pode ser definido na pesquisa, e essa definição poderá ser dada por esse professor, porém ser deixar de lado as relações interdisciplinares que surgirem.

Serão relacionados, a seguir, alguns conceitos que norteariam os Projetos de Aprendizagem, segundo XAVIER e LANFERMANN (2013, s/p):

1. Projetos de Aprendizagem: este é iniciado através da formulação, pelos estudantes, de questões de pesquisa, as quais passam a estruturar a base do currículo da escola e, principalmente, dos estudantes envolvidos com os já citados projetos e seus consequentes estudos e aprendizagens.

2. Professor Orientador: é o professor que manterá contato mais direto com os estudantes que estão realizando as pesquisas para o Projeto de Aprendizagem.
3. Atividades Disparadoras: como diz o próprio nome são atividades para disparar, despertar a curiosidade dos estudantes. São atividades diversificadas desenvolvidas por professores da escola ou convidados. Podem ser realizadas da escola ou em saída pedagógica.
4. Atividades Integradas: quando há identificação de pontos em comum a duas áreas do conhecimento, porém em diferentes momentos do desenvolvimento do projeto, os professores especialistas dessas áreas promovem atividades integradoras para trabalhar esses pontos.
5. Oficinas: são atividades orientadas por professores de duas ou mais áreas do conhecimento quando identificam a necessidade de trabalhar determinadas competências e habilidades do estudante. As atividades são versáteis transitam entre a confecção de painéis a jogos teatrais. Os estudantes inscrevem-se nas oficinas de interesse e as atividades são realizadas em pequenos grupos.
6. Assessorias Especializadas: são as atividades específicas quando surgem dúvidas em uma área do conhecimento. Essas atividades são oferecidas a pequeno grupo de estudantes ou em atendimento individual.

Esses conceitos, como dito anteriormente, são norteadores; não delimitam potencialidades. Porém, são importantíssimos, pois esquematizam a estrutura pedagógica, principalmente no que tange a prática dos professores.

3.2.2 Três importantes funções: o professor orientador, o professor coordenador e o professor regente

Cabe aqui ressaltar que o item dois dos conceitos norteadores do Projeto Colmeia merece uma atenção ampliada, pois o Professor Orientador é sujeito

imprescindível na condução dos Projetos de Aprendizagem, porque, como já foi dito, é ele que mantém o contato propriamente dito entre os estudantes e a produção coletiva de um Projeto de Aprendizagem.

Os Professores Orientadores trabalham em uma dinâmica onde há um professor para quinze alunos, então, em uma turma de 30 alunos haverá dois Professores Orientadores.

Obrigatoriamente os Professores Orientadores devem ser ministrantes de disciplinas que compõem o currículo dos Anos Finais do Ensino Fundamental, logo, todos os professores que trabalham na chamada “Área” são Professores Orientadores.

Assim, Professores Orientadores tem por atribuições os seguintes pontos:

observar e intervir no processo de construção de conhecimento dos seus alunos orientadores; orientar o desenvolvimento das investigações necessárias aos Projetos de Aprendizagem dos seus alunos orientandos; estabelecer contato com professores especialistas (professores das variadas áreas do conhecimento) sempre que pertinente para a aprendizagem e desenvolvimento das investigações em andamento; subsidiar o grupo de professores sobre o andamento dos diferentes Projetos de Aprendizagem e investigações dos alunos, fomentando o planejamento conjunto de ações disciplinares e interdisciplinares; fortalecer a integração entre os conceitos trabalhados pelas diferentes áreas do conhecimento e Projetos de Aprendizagem. (XAVIER; LANFERMANN, 2013, s/p).

Existem ainda duas funções importantes para os Professores dentro do Projeto Colmeia: o Professor Regente e o Professor Coordenador. O primeiro refere-se ao que denominávamos como Professor Conselheiro de Turma. A eleição é realizada pelos estudantes, onde estes tem o direito de escolher dois professores para a função, sendo um desses, o Vice-Regente. Cabem a estes as seguintes funções:

fortalecer a integração entre os conceitos trabalhados pelas diferentes áreas do conhecimento e Projeto de Aprendizagem; destacar possíveis áreas de interesse ou necessidades dos alunos; organizar o contexto de aprendizagem da turma; tratar de demandas organizacionais do grupo de alunos; promover a interação entre família, grupo de professores e alunos

com o cotidiano das propostas da escola; subsidiar o grupo de professores sobre o andamento das diferentes frentes de trabalho e investigações dos alunos, fomentando o planejamento conjunto de ações disciplinares e interdisciplinares. (Xavier e Lanfermann, 2013, s/p).

Já o Professor Coordenador é o professor que representa e coordena o Projeto Colmeia na escola. A coordenação do Projeto Colmeia é realizada por dois professores. Para se tornar coordenador, o professor deverá preencher alguns critérios. Entre eles estão: ter disponibilidade de 40 horas semanais na escola; devem ser professores orientadores de Projeto de Aprendizagem, ser Professor Regente e ministrar uma disciplina nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Os Professores Coordenadores são indicados pelo grupo de gestores da escola desde que respeitem os critérios anteriores. Em relação às funções atribuídas aos Professores Coordenadores estão entre elas:

promover a articulação entre os diferentes segmentos (professores, equipe diretiva e alunos) nas questões relativas as propostas interdisciplinares e de integração entre as áreas do conhecimento e o Projeto Colmeia; propor atividades e reflexões que proporcionem subsídios para o professor desenvolver e inovar as propostas de sala de aula; planejar e coordenar as reuniões administrativas e pedagógicas relativas ao projeto de reestruturação curricular; buscar parcerias que possam contribuir no avanço das propostas interdisciplinares da escola; tratar das demandas organizacionais exigidas pelo Projeto Colmeia. (Xavier e Lanfermann, 2013, s/p).

3.2.3 A avaliação nos projetos de aprendizagem

Assim como qualquer organização de ensino e aprendizagem, os Projetos de Aprendizagem são submetidos à avaliação, na verdade, os estudantes são submetidos à avaliação sobre o que aprendem durante o desenvolvimento dos Projetos. Porém, essa forma de ensino e aprendizagem que a Escola Paul Harris

propõe, não comporta mais a tradicional forma de avaliação onde o principal instrumento de representação é a prova.

Para esses trabalhos inovadores, principalmente, os que se pautam na pesquisa é de profunda importância que a avaliação também seja repensada, pois nessa estrutura, o “erro” é um fator fundamental para o prosseguimento de um Projeto, pois pode gerar questões pertinentes que aprofundem a pesquisa, ou, refute-a de tal maneira que é necessário abandoná-la. Assim, Macedo (2000) *apud* Xavier e Lanfermann (2013, s/p), argumenta que “os critérios a serem considerados [em uma avaliação] são os seguintes: observação, reconstituição, antecipação, comparação e explicação”.

Cada critério citado anteriormente nos remete a um conceito que estrutura uma nova concepção de avaliação. A Observação é mais do que apenas olhar algo e ler e interpretar o que está sendo visto. A Reconstituição pode-se dizer que é a escrita do que foi observado e a profundidade com que isso foi realizado. A ação de reconstituir pode ser representada através de desenho, gráfico, escrita, discurso, enfim, diversos instrumentos. A Antecipação refere-se ao ato de projetar ações para o projeto, ou seja, é uma ação que deve ser estimulada, nesse caso, pelo professor, pois o estudante deve ser capaz de prever erros e corrigi-los, deduzir acontecimentos devido ao conjunto de informações que possui em sua pesquisa. A Comparação diz respeito à percepção de avaliar pontos distintos dentro da pesquisa e optar pela mais coerente em relação ao que está sendo trabalhado e responder de maneira satisfatória as questões de pesquisa levantadas. Por fim, a Explicação é o ponto forte da pesquisa, pois o estudante consegue relacionar as informações em todos os passos anteriores, ou, pelo menos, a maioria deles. É o momento que o estudante se expõe colocando-se sobre o seu próprio trabalho.

Os estudantes apresentam para seus Professores Orientadores um conjunto de material para ser avaliado. Eles possuem diário de campo, além desse material, devem entregar, com data pré-agendada, o Projeto de Aprendizagem que desenvolveram por escrito respeitando as normas da ABNT, que são trabalhadas durante o desenvolvimento dos trabalhos, como foi presenciado em uma das observações de campo realizadas. Os estudantes também são avaliados através da planilha de avaliação individual. Esse material foi construído em conjunto entre os

professores. A planilha é utilizada semanalmente pelos professores orientadores durante os trabalhos relacionados ao Projeto de Aprendizagem.

Em 2011 foi acordado entre o grupo docente e a equipe diretiva que o desenvolvimento do Projeto Colmeia seria readequado em três trimestres.

No primeiro foram organizadas oficinas por parte dos professores para suprir demandas emanadas pelos estudantes. Essas oficinas variam de confecções de cartazes, seguindo as normas da ANBT a jogos teatrais. Todos os estudantes, em suas respectivas turmas, nas quintas-feiras (dia do Projeto Colmeia), participam das atividades. As atividades são realizadas por dois professores especialistas.

Já no segundo e terceiro trimestres foi acordado entre o grupo docente e a equipe diretiva que seriam realizados duas mostras de Projetos de Aprendizagem para bancas avaliadoras. Essas mostras acontecem no espaço da escola e os avaliadores são pelo menos três componentes, onde obrigatoriamente um professor da escola que não tenha orientado nenhum trabalho que irá avaliar os outros poderão ser convidados da comunidade escolar, funcionários da SMEd, autoridades e ex-alunos.

Para realizar as avaliações, os avaliadores recebem das Professoras Coordenadoras do Projeto Colmeia planilhas onde constam itens a serem avaliados dos Projetos de Aprendizagem que serão apresentados. Nessas planilhas os avaliadores deverão atribuir a cada item conceitos como: MS (Muito Satisfatório), S (Satisfatório) e I (Insatisfatório). Esses itens são antecipadamente combinados entre equipe gestora, estudantes e professores.

Os Projetos de Aprendizagem para chegarem até a mostra são trabalhados em sala de aula nas quintas-feiras, tanto para os estudantes que frequentam a escola no turno da manhã quando os que frequentam o turno da tarde, sendo os dois primeiros períodos orientação dos Projetos de Aprendizagem. No terceiro período acontece regência e no quarto período acontece a reunião de planejamento dos Projeto de Aprendizagem entre os professores.

3.3 O Projeto Colmeia hoje

Com toda a estrutura e comprometimento que a Escola Paul Harris apresenta, o Projeto Colmeia se proporciona ir além do que é e se permite ser um Projeto de Escola. De um Projeto de Escola que, acredita e viabiliza um projeto pedagógico dinâmico e que propõe novas possibilidades de ensino e aprendizagem, espera-se amadurecimento e conseqüentemente modificações. Com o Projeto Colmeia não foi diferente.

Em 2012 aconteceram mudanças relacionadas à estrutura dos Projetos de Aprendizagem. Os estudantes que formarão os grupos que realizarão os Projetos de Aprendizagem são organizados antes do levantamento das questões de pesquisa iniciais, priorizando assim a questão de afinidade entre os estudantes. Este grupo quando formado deve entregar aos Professores Orientadores um pré-projeto onde deve constar, segundo Xavier e Lanfermann (2013, s/p), “pergunta do grupo, a justificativa, as hipóteses e os objetivos pretendidos na pesquisa dos alunos”.

Além disso, o pré-projeto deve obedecer a determinados critérios, como traz Xavier e Lanfermann (2013, s/p),

grupos de, no mínimo, 2 e no máximo 4 integrantes obrigatoriamente multiseriado; originalidade na construção da pesquisa (seja na não reprodução de trabalhos já existentes e/ou na escolha do assunto); criatividade, tanto na maneira de apresentar sua pesquisa, quanto nas relações com os conteúdos das disciplinas implicadas nos trabalhos; relevância social, levando em consideração que as propostas de projeto devem deixar bem claro para que serve a pesquisa e em que as descobertas podem contribuir para a sociedade.

Outra mudança ocorrida foi em relação à banca avaliadora externa. Essa etapa não existe mais. Hoje, no Projeto Colmeia, os grupos de pesquisa de estudantes trabalham com um grande Projeto de Aprendizagem durante o ano letivo. As bancas podem ser realizadas nos períodos de orientação das pesquisas, ou seja,

nos dois primeiros períodos de quinta-feira, e os próprios estudantes são os avaliadores de seus colegas. Com essas mudanças e o grande volume de Projetos de Aprendizagem sendo construídos, se fez necessário talvez a maior mudança depois da implantação do novo currículo baseado na pesquisa na Escola Paul Harris, a implantação da sua própria feira de iniciação científica.

A mudança nesse tipo de projeto de aprendizagem é absolutamente normal. Então, além das mudanças na estrutura dos Projetos de Aprendizagem, houve mudanças no Projeto Colmeia propriamente dito. Para se adaptar as normas de feiras de inovação e tecnologia, em 2014, a Escola Paul Harris criou a FICCO (Feira de Iniciação Científica Colmeia).

A FICCO foi criada com o intuito de selecionar Projetos de Aprendizagem para serem encaminhados para a Motic (Mostra de Tecnologia e Inovação com Ciências) de São Leopoldo. Posteriormente a Motic, os trabalhos são inscritos na Mostratec (Mostra Brasileira de Ciência e Tecnologia & Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia) sediada na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, em Novo Hamburgo.

Porém, antes de criar a FICCO, a Escola já estava sendo premiada por apresentar trabalhos relevantes e de qualidade, inclusive, na própria Mostratec. A importância da FICCO está em deixar mais evidente a institucionalização da pesquisa na escola, além de abrir as portas da escola para a comunidade para essa vislumbrar os feitos da escola.

3.4 A gestão como articuladora de espaços de pesquisa

São notórios os avanços construídos na Escola Paul Harris. Cabe aqui lembrar que tudo começou com a iniciativa de um professor e apoio dos gestores da escola. Uma atitude que em seu âmago é muito simples, mas que ainda é uma muralha para muitas escolas, pois reestruturar o currículo da escola tornou-se um

tabu na mesma. Trazer a iniciativa dessa escola possibilita a visualização do quanto mover e reconstruir o que está acomodado pode ser benéfico para a Educação.

A perspectiva de articulação tempo, espaço e pesquisa foi iniciada com a sensibilização da diretora Marília durante reuniões pedagógicas, que são obrigatórias na Rede de Ensino Municipal de São Leopoldo. A quinta-feira foi o dia eleito para acontecerem essas reuniões na escola Paul Harris e, não coincidentemente, é também o dia dos trabalhos referentes aos Projetos de Aprendizagem, pois é um dia onde todos os docentes estão presentes na escola.

Passado esse processo de aceitação no grupo da escola, iniciou-se outro processo que era o de convencer a mantenedora de que era possível que o Projeto fosse bem sucedido e assim deslocar mais recursos tanto financeiros quanto de recursos humanos para a escola. E mais uma vez essa etapa foi vencida.

Agora o processo era colocar tudo para funcionar. No início de cada ano letivo é colocado na reunião para os responsáveis dos estudantes o que é e como funciona o Projeto Colmeia (foi assim desde a implementação). A aceitação por parte das famílias é positiva. Claro, no início houve muita preocupação se os estudantes realmente se interessariam e se o Projeto não seria apenas uma “desculpa” para passar o tempo. Mas, os resultados mostraram exatamente o oposto. Hoje os pais e/ou responsáveis pelos estudantes encaram o Projeto como qualquer outra disciplina presente no currículo da escola. São muitos os responsáveis que demonstram preocupação ao perceber que às vezes o estudante, no Projeto de Aprendizagem, não avança o quanto poderia e cobram mais atitudes positivas dos mesmos.

Dentre todos esses ganhos o que é mais evidente e o que foi inspirador para esse trabalho foi a maneira como se organizou o Projeto Colmeia. Projetos de aprendizagem são relativamente comuns nas escolas, mas há quase um consenso que os mesmos são desenvolvidos de forma isolada. Um professor, ou, um pequeno grupo de professores realizam trabalhos em parceria, mas acabam ficando restritos em suas salas de aula.

O Projeto Colmeia trouxe uma proposta para reorganizar essa situação de isolamento dos professores que se comprometem com um novo ensino e uma nova

aprendizagem. Só que para concretizar isso não bastava mudar as aulas, introduzir oficinas dinâmicas, fazer trabalhos nos moldes da ABNT e não ter o principal para o ofício de professor: o planejamento.

E é o planejamento o grande ator principal de tudo que foi apresentado aqui, pois é ele que possibilita a pesquisa do estudante, mas também a do professor. Ao realizar os encontros no 4º período das quintas-feiras, os professores tem possibilidade de sentar com os seus e discutir, debater, conversar, pesquisar, enfim, planejar a prática docente dentro dessa nova perspectiva da escola.

Promover esse espaço para os professores discutirem e estudarem sua prática de forma coletiva tem um valor imensurável, segundo Kerber (2013, p. 48)

... o conhecimento construído com a formação inicial e contínua deve ser norteado em espaços múltiplos, por meio de um modelo formativo mais reflexivo que contemple práticas colaborativas. Isso é essencial para criar espaços de aperfeiçoamento, inovação e pesquisa, nos quais devem ser analisadas as dúvidas individuais e coletivas dos professores.

Segundo a autora, esses encontros são importantes porque neles se debatem pontos positivos e negativos e considerações dos trabalhos realizados na escola. No caso da Escola Paul Harris, os encontros se tornam importantes para promover o avanço do Projeto Colmeia, ou, qualquer outro projeto que vislumbre essas ações de amadurecimento do currículo escolar.

Aqui os gestores fizeram de maneira preciosa o seu papel de articuladores da diversidade presente na escola, pois possibilitaram espaços de estudos para os professores dentro da escola, inseridos dentro de uma rotina de dias e horários pré-determinados, o que é muito saudável para a educação, porque possibilita o

encontro entre os pares para que haja um dialogo maduro e consonante, mas que não se acomoda dentro da prática docente.

Promovendo esses espaços, os gestores acabam estimulando a capacidade criativa dos professores que, sem dúvidas, estimularão os estudantes durante a realização dos Projetos de Aprendizagem, pois segundo Bazarra, Casanova e Ugarte a equipe gestora deve “ajudar os professores a viver o que eles, por sua vez, devem ensinar a viver”. (2006, p. 142). Portanto, professores que planejam sua prática através da pesquisa com seus pares são grandes multiplicares de pesquisa com seus estudantes.

Esses encontros entre os professores são tão marcantes e essenciais para o desenvolvimento do Projeto Colmeia que em 2013 eles foram registrados no PPP da escola, assim como, toda a readequação do Projeto Colmeia. Portanto, ao serem inseridos no PPP, esses encontros devem ser salvaguardados pelos gestores, para que esses espaços tão valiosos para a prática docente se mantenham.

Outro ponto importante conquistado pelos professores são as reuniões de quinta-feira à noite. Essas reuniões já eram comuns antes do Projeto Colmeia surgir, devido uma determinação da SMEd (Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo), porém esse adendo não as torna menos importantes, pelo contrário. Essas reuniões acontecem a cada 15 dias e são, a princípio, pedagógicas, direcionadas para discussões em torno das questões administrativas da escola. Porém, muitas vezes são utilizadas para discutir questões pertinentes do Projeto Colmeia e acabam por se caracterizarem como uma extensão do que foi discutido nas reuniões do Projeto pela manhã e pela tarde.

3.5 A perspectiva dos professores em relação ao Projeto Colmeia

Esta etapa foi construída utilizando falas e entrevistas dos professores. Há um consenso entre eles de que o Projeto Colmeia é uma tentativa de implantar no Ensino Fundamental de forma contínua, aprofundada e institucional a pesquisa e a iniciação científica. Outra percepção do grupo é que essa implantação se deu na

construção coletiva de professores e gestores a partir da ideia de um professor (fez-se referência ao professor Felipe).

Percebe-se que no grupo tem-se uma refutação por parte de muitos sujeitos em relação à forma tradicional de ensino. Segundo o professor Rafael (2014)

Vejo o Projeto Colmeia como antagônico as propostas tradicionais por exigir uma construção efetiva de conhecimento do aluno e do professor em conjunto. Os alunos pesquisam e trazem informações, assim como, os professores e juntos transformam isso em conhecimento. Além disso, a pesquisa, finalmente, se insere na escola de forma ampla, o que não acontecia anteriormente.

Apesar de haver algumas resistências e algumas dificuldades em relação ao cumprimento de momentos anteriormente combinados, como não cobrar materiais das disciplinas curriculares no dia em que se realiza o Projeto de Aprendizagem, há uma consonância de que o Projeto Colmeia viabiliza a construção de conhecimentos que o modelo tradicional de ensino e aprendizagem não permitiria. Essa percepção se dá através de dois importantes fatores: primeiro é que a maioria dos professores que trabalham no Projeto Colmeia tem uma longa carreira, isso os permite reconhecer a importância do Projeto. O segundo é a percepção de que, tanto professores, quanto estudantes, naquele momento do desenvolvimento do Projeto, todos são pesquisadores.

Quanto a disponibilidade de espaços para a realização de pesquisa e planejamento do Projeto os professores tem consciência de que tudo tem seu tempo e as coisas acontecem em momentos apropriados.

Acredito que tudo foi um passo de cada vez. Primeiro o dia específico para o projeto, as possibilidades de extensões de carga horária destinadas ao projeto, o horário de reunião, a valorização do projeto. Os gestores da escola que passaram e que estão dão apoio e abrem espaços para a realização do projeto dentro do possível e o que já foi feito é muito perto de outras realidades. Tudo isso foi conquistado em conjunto entre professores e os gestores da escola frente à prefeitura. (Rafael, 2014).

Há uma consciência de que há muito trabalho por se fazer, mas nem mesmo por isso os professores desanimam frente as dificuldade, pois sabem dos ganhos que obtiveram por participar de um projeto de pesquisa desse porte dentro de uma escola pública municipal.

Os professores, quando abordados sobre a questão do espaço disponibilizado para o desenvolvimento do Projeto Colmeia, se posicionaram de forma positiva, pois acreditam que conquistaram um espaço significativo ao colocar um dia específico da semana para desenvolver os Projetos de Aprendizagem. Colocaram também ser positiva a iniciativa de registrar as normativas do Projeto Colmeia no PPP da escola e disponibilizá-lo como disciplina avaliativa no próprio boletim escolar.

O espaço físico da escola também foi lembrado pelos professores como um ponto positivo, comparando até com outras escolas da região que já haviam trabalhado. Colocaram que muito dessa estrutura foi uma conquista dos gestores da própria escola. Mas acreditam que com as boas respostas dadas pelo projeto, levantando índices da escola e os prêmios em diversas mostras de pesquisa, a mantenedora poderia fazer um maior investimento, aumentando salas e recursos como computadores e internet de melhor qualidade, o que vai além das responsabilidades dos gestores da escola, embora caiba a eles a cobrança por esses investimentos.

Abordados sobre a satisfação em trabalhar em um projeto como o da Escola Paul Harris, os professores, em sua maioria, colocaram que se sentem satisfeitos com os resultados devido ao que buscam. Mas esperam mais! Esperam que os resultados sejam melhores daqui para frente. Pontuam que ainda há dificuldades que vão além do controle dos professores e dos gestores. Dificuldades que são a realidade da educação no Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. A falta de envolvimento das famílias, as dificuldades técnicas dos poucos recursos que se tem para a pesquisa, o que faz a necessidade de se ter maior investimento da mantenedora para a compra desses materiais. Além da falta de motivação de alguns estudantes e colegas, afinal, nunca se conquista todo mundo embora sempre haja essa intenção.

3.6 A perspectiva dos gestores em relação ao Projeto Colmeia

Esta etapa foi construída utilizando falas e entrevistas dos gestores e percebe-se que quando indagados sobre a intervenção do Projeto Colmeia sobre o cotidiano prático o que foi levado em consideração foi a possibilidade dos estudantes entrarem em contato com os mais diversos tipos conhecimentos, relacionando-os com as disciplinas do currículo formal da Escola.

Quando abordados sobre as mudanças ocorridas para acolher o Projeto Colmeia, os gestores colocaram que foi necessário viabilizar o aumentando da carga horária dos estudantes da Área (do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental), que tem dois turnos de aula, sendo um turno inverso. Também foi flexibilizado o horário de saída (nas quintas-feiras), reduzindo em uma hora o período de aula. Nesta hora que os alunos antecipam sua saída, os professores reúnem-se para reunião pedagógica sobre o Projeto Colmeia. Junto a isso, a gestão colocou da importância da intervenção da SMEd ao viabilizar que os professores mantenham a extensão de carga horária, para realizarem o trabalho de pesquisa através dos Projetos de Aprendizagem.

Algo salientado pela gestão foi a importância de registrar as normativas do Projeto Colmeia no PPP da Escola, pois isso possibilitou assegurar o Projeto Colmeia como disciplina no currículo da Escola, além de manter, segundo Tatiana e Deisy (2014), os

professores coordenadores (mediadores) que orientam o trabalho dos professores e alunos e auxiliam a equipe diretiva de forma efetiva no desenvolvimento deste Projeto, pois sem esta mediação, a coordenação pedagógica não teria como dar o suporte necessário, devido a todas as demandas da escola.

Sabemos que atualmente as escolas passam por uma cobrança sistemática relacionada ao desempenho dos estudantes que são traduzidos em índices como o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Relacionado a isso, o gestor José (2014) coloca o seguinte: *“aumentamos o IDEB da escola de 4,1 para 4,7. Não atingimos nossa meta, no entanto, acreditamos que esta será alcançada no próximo levantamento”*. Os dados fornecidos pelo gestor dizem respeito aos que estão registrados no MEC. No site do Ministério da Educação, a meta da Escola era de 5,2 para 2013. Porém, não há como negar que houve avanços, pois a meta citada pelo gestor de 4,1 é a meta de 2011. Em relação a 2013, último ano de avaliação da Escola até então, houve um acréscimo de 0,5 pontos, pois a Escola chegou ao índice de 4,7.

Indagada a gestão sobre o tempo disponível para o planejamento dos Projetos de Aprendizagem, foi colocado que acreditam que o tempo de uma hora torna-se curto para um trabalho complexo como é o de planejar, Segundo José (2014) *“acredito que duas horas seria um tempo mais adequado para um planejamento satisfatório”*.

Com as colocações dos gestores é notória a consciência que se tem sobre os ganhos que a Escola obteve ao optar por acolher uma proposta curricular tão inovadora. Contudo, a gestão se posiciona de forma madura, apontando questões que precisam ser revistas e melhoradas, como o IDEB e os espaços de planejamento e pesquisa que devem ser ampliados para os professores.

Essa consciência da Gestão em relação ao trabalho pedagógico é fundamental para evidenciar que o Projeto Colmeia na verdade é um Projeto de Escola, onde todas as organizações e sujeitos estão articulados e se intra-relacionam no processo de ensino e de aprendizagem. Essa mesma Gestão, também compreende a importância da sua intervenção, já que é articuladora dos espaços e sujeitos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala em projetos de aprendizagem na escola, normalmente, somos remetidos às vivências de trabalhos realizados de forma isolada, pontuais que, muitas vezes, coincidem com datas comemorativas, como por exemplo, Semana do Meio Ambiente, Dia do Índio, Semana da Consciência Negra, etc. De forma alguma, fazer trabalhos com essas datas não sejam importantes para a Escola, mas é pouco para uma escola que queira viver a grandeza da gestão democrática possibilitando a todos condições de igualdade. O meio ambiente está presente conosco todos os dias e índios e negros são índios e negros todos os dias.

A Escola Pública é para todos e para todas e deve ser todos os dias para os estudantes e para os professores sujeitos presentes cotidianamente no espaço escolar. Não há como pensar uma nova educação sem considerar as vivências, os anseios, as preocupações desses sujeitos diretamente envolvidos com o ensino e com a aprendizagem.

A Escola Paul Harris não apenas inovou, propiciou uma verdadeira revolução no seu cotidiano escolar derrubando paradigmas e preconceitos de que pesquisa só se realiza no meio acadêmico e com essa postura construiu o seu próprio Projeto de Escola.

Acredito ser *mudança* a palavra chave para me reportar a essa Escola, pois sua existência foi marcada por ela. Quando não havia condições de crianças do bairro frequentar a escola, construiu-se uma e depois disso vieram muitas outras escolas mantendo-se a alma da mesma: deve-se mudar quando preciso for.

Ao introduzir um currículo diferenciado não foi diferente. A escola que tem a marca da mudança, não se resignou. Vencendo muitas adversidades construiu um novo currículo que tem como base a pesquisa científica.

E ao optar por essa nova maneira de ensinar e de aprender a escola vem galgando grandes feitos: o aumento do IDEB, participação em feiras de inovação e tecnologia, formando professores multiplicadores, entre tantas outras coisas.

Desses feitos talvez a formação de professores multiplicadores seja a mais recente e, na minha modesta opinião, a mais importante nesse momento que vive o Projeto Colmeia. Os professores que participam do Projeto Colmeia estão recebendo convites de escolas e da própria SMEd para relatarem para outras escolas as experiências vivenciadas com essa inovadora forma de educação que Escola Paul Harris propõe.

Outro feito importante é a consolidação da presença da escola em mostras de científicas, de inovação e de tecnologia. Porém, antes de chegar nesses momentos a criação da FICCO foi uma ação sem precedentes. Particpei da primeira edição ocorrida nesse ano e devo confessar que foi comovente. A dedicação dos estudantes, dos mais novos da escola, que já experimentam noções de pesquisa, até os que já estão na escola há mais tempo, era evidente, assim como, a completa emoção com as premiações recebidas, pois esses estudantes tem consciência da dimensão de seus trabalhos e de seus empenhos. Bem, os professores, os gestores, a comunidade escolar, como um todo, estavam presentes e profundamente emocionados na FICCO. Foi uma experiência única e que despertou a vontade de levar para as escolas em que trabalho um pouquinho do que aprendi na Escola Paul Harris.

Outro ponto importante do Projeto Colmeia e que é inspirador é a isonomia das disciplinas com ampliação de carga horária dos professores. Essa ideia arquitetada de que nenhuma disciplina prevalece sobre outra é uma das muitas formas de se representar a presença de uma gestão democrática dentro da escola. E acredito, assim como pude perceber pelas palavras dos gestores, se assim não fosse não teria sido possível construir esse Projeto.

Analisando observações, falas, entrevistas e questionários, deixo para a escola minha sugestão. Pelo fato de ter tomado uma dimensão tão ampla, o Projeto precisa trabalhar dois pilares que o sustentam: a orientação do professor especialista e as reuniões de planejamento.

Sugiro que as reuniões que acontecem a cada 15 dias e são, a princípio, pedagógicas, tenham 2 horas específicas para a condução de trabalhos sobre os Projetos de Aprendizagem. Uma hora para a continuidade do que é debatido no

período de reunião no último período das quintas-feiras, pois muitas vezes o volume de assuntos não é compatível com o tempo.

A outra uma hora sugiro que seja utilizada para os professores orientadores e especialistas para debaterem os assuntos que estão mais pujantes nos Projetos de Aprendizagem. Isso se faz necessário, no meu ponto de vista, pois durante a manhã e a tarde esses professores estão envolvidos com os trabalhos dos estudantes, o que os demanda muita atenção com eles. Acredito que tendo um tempo para estudar especificamente os assuntos, os professores especialistas podem encaminhar soluções aos estudantes facilitando a orientações dos trabalhos. Aqui não desconsidero a forma com que a intervenção do especialista já vem sendo feita, ela deve continuar, porém de uma forma mais sistemática.

O planejamento é essencial para a prática docente. Para um projeto inovador como é o Colmeia é vital, pois é ele que irá conduzir as estratégias para enriquecer essa nova maneira de ensinar e de aprender. O planejamento, no presente caso, se confunde com pesquisa, pois ambas acontecem no mesmo espaço e com os mesmo sujeitos, mas não acredito que isso seja algo negativo, pois as conquistas desse grupo, tão especial de professores e gestores, estão aí para mostrar as competências dos mesmos.

Essa fusão de planejamento e pesquisa me fez perceber que em muitos momentos o que acontecia era uma situação de formação continuada. Se considerarmos que a formação continuada deve ser algo que promova a mudança no refletir e agir da prática docente, não presenciei até hoje maneira mais competente de se fazê-lo do que no Projeto Colmeia. Essa nova situação de formação continuada segue novos parâmetros, mas não por isso deva receber menos importância, pois as transformações que esses professores e gestores conquistaram são incomensuráveis.

Dado o exposto neste presente trabalho, considero que um novo caminho para a educação possa ser escrito inspirado em modelos como o Projeto Colmeia. Em um mundo diverso e imerso às tecnologias, acredito que a forma de educar formalmente sujeitos tão diferentes seja pela pesquisa, pois é a pesquisa que acolhe a curiosidade, os porquês, as hipóteses. Para os professores que formam essa

geração tão impregnada de *WhatsApp*, *Facebook*, e tantas outras palavras americanizadas, os espaços de pesquisa e debates são tão necessários quanto para os estudantes. É por acreditar em uma nova educação, em uma nova escola pública realmente democrática e para todos e para todas é que confio no trabalho de professores e professoras que, com uma simples ideia, transformaram e continuam transformando o mundo.

REFERÊNCIAS

1. BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 318p.
2. BAZARRA, Lourdes; CASANOVA, Olga; UGARTEM Jerónimo García. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudança**. São Paulo: Paulinas, 2006. 268 p.
3. BERTUZZI, Fernando; SILVA, Joelma Rosalva da. **Histórico da E. M. E. F. Paul Harris**. In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; STRASBURG, Quênia Renee (Orgs.). *Memória Escolar – Escolas Municipais de São Leopoldo*. São Leopoldo: CEBI, 2008, p. 34 – 40.
4. BRASIL. **Constituição de 1988**. Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988. ed. 9. Brasília: Senado Federal, 1996.
5. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Cruz Alta: Governo Municipal de Cruz Alta, 2007.
6. CASTRO, Marta Luz Sisson; SOUZA, Magda Vianna de. **Práticas e Gestão Democrática dos Secretários Municipais de Educação do Estado do Rio Grande do Sul**. In: CASTRO, Marta Luz Sisson (Org.). *Centro para o Desenvolvimento da Administração da Educação*. Porto Alegre: CEDAE/ADERGS: PUCRS, 1999. Anual. PRÁTICAS DEMOCRÁTICAS E GESTÃO DA ESCOLA BÁSICA. Porto Alegre: FAPERGS – FINEP, 1999.
7. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003 (1994). 143 p.
8. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010. 60 p.
9. FERREIRA, Liliana Soares. **A Construção do Projeto Político-Pedagógico - Material Didático para o componente curricular A Construção do Projeto Político Pedagógico para o Curso de Especialização em Gestão Educacional-UAB/UFSM, 2013-2014**. 2009, 9 p.
10. FONTANA, Hugo Antonio. **Os Fundamentos da Gestão da Fábrica e da Escola**, UFSM, 2013. Texto de Apoio para o componente curricular de Fundamentos Filosóficos, Políticos e Sociais da Gestão Educacional para o Curso de Especialização em Gestão Educacional-UAB/UFSM, 2013-2014.
11. GRASSI, Alcindo; BATEZINI, Eunires da Silva. **Metodologia da pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. (Série Educação, n. 28. Programa de Incentivo à Produção Docente - Cadernos Unijuí).

12. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.** Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=276290>. Acessado em 01 de novembro de 2014.
13. KERBER, Irene Scheibe. **Gestão educacional: formação continuada no espaço escolar.** 2013. 53 f. Monografia (Especialização em Gestão Educacional) - Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação, Santa Maria.
14. LIBÂNEO, José Carlos. **As práticas de organização e gestão da escola e a aprendizagem de professores e alunos.** Presente!, CEAP-Salvador (BA), jan./abr. 2009.
15. LÜCK, Heloisa. (Org.). **Gestão escolar e formação de gestores.** Em Aberto, v. 17, n.72, p. 1-195, fev./jun. 2000. et al. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
16. MALDANER, Otavio Aloisio; ZANON, Lenir Basso. **Situação de Estudo: uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em Ciências.** In: MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (Orgs.). Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 43 - 64.
17. MATTOS, Eduardo Britto Velho de. **Construção de conceitos de matemática via projetos de aprendizagem.** Mestrado profissional, 2010. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27896>. Acessado em 12 de janeiro de 2014.
18. MOLINA, Rinaldo; GARRIDO, Elsa. **A produção acadêmica sobre Pesquisa-Ação em Educação no Brasil: mapeamento das dissertações e teses defendidas no período 1966-2002.** Revista Brasileira sobre Formação de Professores. Volume 02. n.02. jan. – jul. 2010. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/7/11/2>. Acessado em: 10 de agosto de 2013.
19. MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.
20. PORTUGAL. **Projeto Educativo Escola da Ponte.** Disponível em: <http://www.escoladaponte.pt/educativo.pdf>. Acessado em 12 de janeiro de 2014.
21. RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio - 2011-2014.** Texto Oficial de outubro/novembro de 2011. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 2011.
22. SOUZA, Moacir Langoni de. **A ambientalização dos currículos escolares numa perspectiva interdisciplinar.** In: MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (Orgs.). Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 109 – 134.

23. UFRGS. **Projeto Amora**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projetoamora>>. Acessado em 12 de janeiro de 2014.
24. Universidade Federal de Santa Maria. **Howard Gardner e a teoria das inteligências múltiplas**. Texto publicado na disciplina de Desenvolvimento Humano em Diferentes Abordagens para o curso de Especialização em Gestão Educacional, 2013-2014.
25. Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT**. Santa Maria: Ed. da UFSM. 8. ed. 2012, 72 p.
26. XAVIER, Elis Regina Andrade; LANFERMANN, Renata Schramm. **Atualizações da proposta pedagógica do projeto de aprendizagem colmeia**. Texto inserido no PPP da E.M.E.F. Paul Harris, 2013.
27. ZANON, Lenir Basso, HAMES, Clarinês. STUMM, Camila Leindecker. **Interações intersubjetivas na formação para o ensino em Ciências**. In: MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (Orgs.). Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, p. 181 - 207.

APÊNDICE 1

AUTORIZAÇÃO

Eu....., abaixo assinado, responsável pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Paul Harris, autorizo a realização do estudo “*A Gestão Escolar como Articuladora da Construção de Espaços de Pesquisa na Escola*”, a ser conduzido pela pesquisadora Rita de Cássia Pedrotti Lopes. Fui informado pela responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso com os sujeitos de pesquisa nela participantes, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia do desenvolvimento do referido trabalho.

São Leopoldo, dede 2014

.....
Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, _____
_____, de nacionalidade _____, idade de _____, de estado
civil _____, profissão _____ de _____,
endereço _____

_____, e de RG nº _____, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “A Gestão Escolar como Articuladora da Construção de Espaços de Pesquisa na Escola”, cujos objetivos e justificativas são: investigar como são organizados espaços de pesquisa para os professores planejarem e desenvolverem projetos de pesquisa na escola, devido há uma demanda considerável de esforços para tornar a educação formal mais significativa e dinâmica.

A pesquisa se dará no âmbito da E. M. E. F. Paul Harris, onde a minha participação no referido estudo será no sentido de ser observado e questionado sobre determinadas práticas referentes às aulas onde o Projeto Colmeia é desenvolvido, bem como nas reuniões semanais para a discussão do mesmo.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a Professora Rita de Cássia Pedrotti Lopes, especializanda da Universidade Federal de Santa Maria e com ela poderei manter contato pelo e-mail ritaclean@gmail.com.

É assegurado acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

São Leopoldo, _____ de _____ de 2014.

Nome do sujeito da pesquisa

Assinatura do sujeito da pesquisa

Rita de Cássia Pedrotti Lopes

APÊNDICE 3

Questionário para professores, referente ao Projeto Colmeia, objeto de Pesquisa do Curso de Especialização de tema “A Gestão Escolar como Articuladora da Construção de Espaços de Pesquisa na Escola” de autoria de Rita de Cássia Pedrotti Lopes.

1. Como você definiria o Projeto Colmeia?
2. Em termos pedagógicos, qual a sua percepção do Projeto em relação a propostas pedagógicas mais tradicionais?
3. Em sua carreira no magistério já havia trabalhado com uma proposta pedagógica diferenciada como a da Escola Paul Harris.
4. Você acredita que os gestores da escola disponibilizaram espaços adequados e suficientes para o planejamento e desenvolvimento do Projeto para os professores? Justifique sua resposta.
5. Você acredita que os gestores da escola disponibilizam espaços adequados e suficientes para a realização do Projeto Colmeia na escola? Justifique sua resposta.
6. Classificando sua satisfação com os resultados do Projeto que nota, de 1 a 5, sendo 1 para muito insatisfeito, 2 para insatisfeito, 3 não sei opinar/estou em dúvida, 4 para satisfeito e 5 para muito satisfeito.
 1. 2. 3. 4. 5.

APÊNDICE 4

Questionário para gestores, referente ao Projeto Colmeia, objeto de Pesquisa do Curso de Especialização de tema “A Gestão Escolar como Articuladora da Construção de Espaços de Pesquisa na Escola” de autoria de Rita de Cássia Pedrotti Lopes.

1. Na sua prática cotidiana, qual a intervenção de uma estrutura curricular baseada em projeto pedagógico diferenciado como o Colmeia?
2. Relate, por favor, as mudanças na gestão que tiveram que acontecer para subsidiar o Projeto Colmeia (por exemplo, contratação de mais professores).
3. Em termos de desempenho escolar (estatísticas como o IDEB) quais os resultados obtidos anteriormente ao projeto e posteriormente ao projeto?
4. Como a gestão faz o acompanhamento do desenvolvimento do Projeto?
5. Como aconteceu a institucionalização do Projeto Colmeia na Escola?
6. Como aconteceu a institucionalização do “Dia do Projeto” na Escola?
7. Qual a relação estabelecida do PPP com o Projeto Colmeia?
8. Como a gestão avalia os encontros dos professores para a organização e planejamento do Projeto. Acredita ser um tempo suficiente? Gostaria de estender esse período?
9. Quais as perspectivas da gestão para o Projeto Colmeia?

APÊNDICE 5

Componente Curricular	Carga Horária Docente	Carga Horária Discente	Turno Escolar
Regência	1h	1h	Turno
Ciências	2h	2h	Turno
Educação Artística	2h	2h	Turno
Educação Física	2h	2h	Contraturno
Ensino Religioso	2h	2h	Contraturno
Filosofia	2h	2h	Turno
Geografia	2h	2h	Turno
História	2h	2h	Turno
Língua Inglesa	2h	2h	Turno
Língua Portuguesa	2h	2h	Turno
Matemática	2h	2h	Turno
Projeto de Aprendizagem	2h	2h	Turno
Reunião Adm./Pedagógica	1h	1h	Turno

APÊNDICE 6

FICCO



MOTIC



MOSTRATEC

